



TENDÊNCIAS TEMPORAIS DO CONSUMO ALIMENTAR NO BRASIL: ASPECTOS GEOGRÁFICOS

Mariana Navarro Tavares de Melo¹
Carla Caroline Silva dos Santos²
Tipo de trabalho: Outro

RESUMO

Introdução: O consumo alimentar da população brasileira combina a tradicional dieta à base de arroz e feijão com alimentos de poucos nutrientes e muitas calorias. Tal condição reflete um processo de mudanças globais que vem afetando os padrões alimentares dos brasileiros em todas as regiões. **Objetivo:** Descrever a evolução da disponibilidade domiciliar de alimentos no Brasil no período de 1974 a 2009 e comparar as diferenças da aquisição de alimentos entre as macrorregiões e situação de domicílio (urbano e rural) em 2008-2009. **Métodos:** Foram utilizados dados da Pesquisa do Orçamento Familiar 2002-2003 e 2008-2009, realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Resultados:** observamos teor excessivo de açúcar e participação insuficiente de frutas e hortaliças. A tendência temporal mostrou que alimentos básicos e tradicionais na dieta do brasileiro, como arroz, feijão e farinha de mandioca, perdem importância no período enquanto cresce a participação relativa de alimentos processados prontos para consumo. O arroz na Região Centro-Oeste e a farinha de trigo na Região Sul excedem em 1,5 a 2 vezes e em 4 a 6 vezes, respectivamente, a mesma participação observada nas demais regiões do País. Leite e derivados e verduras e legumes estão muito aquém da média nacional nas Regiões Norte e Nordeste. **Considerações Finais:** A crescente epidemia de Doenças Crônicas Não Transmissíveis reflete quão imperativo é buscar novas alternativas alimentares para garantia da saúde da população, além de padrões de produção agrícola que possam reduzir o consumo excessivo e o desperdício.

Palavras-chave: consumo de alimentos; padrões alimentares; macrorregiões brasileiras

INTRODUÇÃO

Os resultados da segunda publicação da Pesquisa do Orçamento Familiar (POF) 2008-2009, “Antropometria e estado nutricional de crianças, adolescentes e adultos no Brasil”, revela que o excesso de peso e a obesidade são encontrados com grande frequência, a partir de 5 anos de idade, em todos os grupos de renda e em todas as regiões brasileiras. A comparação com resultados obtidos por inquéritos anteriores à POF

¹ Nutricionista, Instituto de Medicina Integral Prof. Fernando Figueira – IMIP, mariana.ntdm@gmail.com

² Nutricionista, Escola de Saúde Pública de Pernambuco – ESPPE, carlaline@gmail.com



2008-2009 confirma a tendência de declínio da desnutrição infantil. A mesma análise temporal com relação ao excesso de peso e à obesidade aponta quadro diverso. Em todas as idades, a partir de 5 anos, confirma-se a tendência de aumento acelerado do problema. Nos últimos seis anos, a frequência de pessoas com excesso de peso aumentou em mais de um ponto percentual ao ano, o que indica que, em cerca de dez anos, o excesso de peso poderia alcançar dois terços da população adulta do Brasil, magnitude idêntica à encontrada na população dos Estados Unidos (IBGE, 2010 a).

Buscando a raiz de tais problemas, nos deparamos com o comportamento alimentar do brasileiro ao longo dos últimos 35 anos, e demais componentes do seu estilo de vida. O consumo alimentar da população brasileira combina a tradicional dieta à base de arroz e feijão com alimentos de poucos nutrientes e muitas calorias. A ingestão diária de frutas, legumes e verduras está abaixo dos níveis recomendados pelo Ministério da Saúde (400g) para mais de 90% da população. Já as bebidas com adição de açúcar (sucos, refrescos e refrigerantes) têm consumo elevado, especialmente entre os adolescentes, que ingerem o dobro da quantidade registrada para adultos e idosos, além de apresentarem alta frequência de consumo de biscoitos, linguiças, salsichas, mortadelas, sanduíches e salgados e uma menor ingestão de feijão, saladas e verduras. Entre as prevalências de inadequação de consumo (percentuais de pessoas que ingerem determinado nutriente em níveis abaixo das necessidades diárias ou acima do limite recomendado) destacam-se o excesso de gorduras saturadas e açúcar (86% e 61% da população, respectivamente) e escassez de fibras (68% da população) (IBGE, 2010 b).

As alterações no que é consumido não vêm acontecendo apenas no nosso país, mas devemos vê-las como uma forma abraçadora de mudanças globais que envolvem a criação de novos alimentos industrializados (semiprontos e prontos), uma estrutura formada pela rede de produção-distribuição e publicidade. Percebe-se que a alimentação de diferentes culturas está sendo transformada muito rapidamente em todo o mundo, como parte de uma cultura que também se modificou. Dentro de um processo mais amplo, qual seja



o desenrolar da civilização industrial ocidental, a alimentação, dentre as inúmeras expressões culturais, também tem sido influenciada por este processo acelerado (BLEIL, 1998).

Este estudo objetivou descrever a evolução da disponibilidade domiciliar de alimentos no Brasil no período de 1974 à 2009, comparar e analisar as diferenças da aquisição de alimentos entre as macrorregiões e situação de domicílio (urbano e rural) em 2008-2009.

METODOLOGIA

A POF 2008-2009 é a quinta pesquisa realizada pelo IBGE sobre orçamentos familiares. As pesquisas anteriores foram o Estudo Nacional da Despesa Familiar - ENDEF 1974-1975, com âmbito territorial nacional, à exceção das áreas rurais das Regiões Norte e Centro-Oeste; a POF 1987-1988; a POF 1995-1996; e a POF 2002-2003.

As POFs fornecem periodicamente dados nacionais de disponibilidade domiciliar de alimentos para análises de tendências e comparações internacionais, possibilitando as estimativas de consumo, bem como a identificação de padrões e mudanças temporais na alimentação no Brasil. Estas informações, em conjunto com dados de disponibilidade de alimentos, são fundamentais para o planejamento e monitoramento de ações de saúde e nutrição no Brasil.

Este estudo utilizou como principais fontes de informações os dados das POFs 2002-2003 e 2008-2009, onde nesta última conta com informações sobre a ingestão individual de alimentos de todos os moradores com 10 anos ou mais de idade, distribuídos nos 13.569 domicílios selecionados a partir da amostra original, que contou com 55.970 domicílios e pela primeira vez, foram levantadas informações sobre a ingestão de alimentos fora do domicílio.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Variações importantes em indicadores da disponibilidade domiciliar de alimentos foram observadas nas áreas metropolitanas do país no período de 1974 – 2009. O grupo de alimentos que mais se destacou foi o de Refeições prontas e misturas industrializadas, com aumento de 265%, representando atualmente 4,6% do total de calorias dos alimentos



disponíveis nas famílias estudadas. Grupos de alimentos que também apresentaram acréscimo considerável foram Bebidas alcoólicas (+133%) e Oleaginosas (+100%). O grupo de Açúcar e Refrigerantes apresentou queda de 5,7%. No entanto, é importante destacar que o decréscimo observado nesse grupo se deve basicamente pela diminuição do uso de açúcar (possivelmente substituído pelo adoçante artificial), visto que a disponibilidade domiciliar de refrigerantes aumentou em alarmantes 350%. No grupo das Carnes (+37,3%), destaque para os Embutidos (+109%) e Frango (+158%).

A tendência de queda de alguns grupos de alimentos também merece destaque como o de Feijões e outras leguminosas (-33,6%), Verduras e legumes (-30%), Ovos (-40%) e Gorduras animais (-50%) (Tabela1).

Esses dados revelam uma mudança na dieta do brasileiro, com prejuízos para a saúde da população como um todo. Observamos a diminuição na aquisição dos tradicionais arroz e feijão no prato do brasileiro. Frutas, verduras e legumes correspondem a apenas 2,8% das calorias totais, ou cerca de um quarto das recomendações para o consumo desses alimentos (pelo menos 400 gramas diárias ou cerca de 9%-12% das calorias totais de uma dieta de 2000 kcal diárias) (IBGE, 2010 c).

As mudanças no ritmo de vida têm levado os consumidores a optar por alimentos que minimizem a “perda de tempo” com o preparo de refeições. Os alimentos são comprados quase prontos para o consumo e daí o *boom* dos congelados, do pré-cozido (arroz, principalmente) e do que já vem pré-temperado (a carne de frango). Estes produtos, inventados pela indústria, são novos ao paladar e aos hábitos. Assim, para facilitar sua aquisição, normalmente a indústria vai lançar mão de algumas estratégias (BLEIL, 1998).

Segundo Nestle (2003), cerca de 70% dos anúncios de alimentos referem-se aos produtos do tipo “conveniência”, ou seja, doces, snacks, bebidas alcoólicas, refrigerantes e sobremesas. Apenas 2,2% são anúncios de frutas, vegetais, grãos e feijões. De um lado a embalagem vai ser extremamente colorida para chamar a atenção do consumidor. De outro lado os produtos passam a ser fabricados incorporando



enormes quantidades de açúcar, sal e gordura. Além disso os aditivos químicos tornaram-se cada vez mais comuns (BLEIL, 1998).

Tabela 1 – Evolução da participação relativa (%) de grupos de alimentos no total de calorias determinado pela aquisição alimentar domiciliar por ano da POF - Brasil - períodos 1974-1975 e 2008-2009.

GRUPOS DE ALIMENTOS	1974-1975	1987-1988	1995-1996	2002-2003	2008-2009	Evolução Relativa
Cereais e derivados	37,26	34,72	35,04	35,5	35,2	-5,53%
Feijões e outras leguminosas	8,13	5,87	5,71	6,6	5,4	-33,60%
Raízes, tubérculos e derivados	4,85	4,1	3,58	5,8	4,8	-1,03%
Carnes	8,96	10,46	12,98	11,2	12,3	37,30%
Leites e derivados	5,93	7,95	8,2	6	5,8	-2,20%
Ovos	1,15	1,31	0,9	0,3	0,7	-39,10%
Frutas e sucos naturais	2,16	2,66	2,58	1,6	2	-7,40%
Verduras e legumes	1,14	1,15	1	0,8	0,8	-29,82%
Óleos e gorduras vegetais	11,62	14,61	12,55	12,8	12,6	8,43%
Gorduras animais	3,04	0,95	0,77	1,5	1,5	-50,66%
Açúcar de mesa e refrigerantes	13,78	13,39	13,86	13,7	13	-5,66%
Bebidas alcoólicas	0,3	0,51	0,63	0,5	0,7	133,33%
Oleaginosas	0,1	0,15	0,13	0,2	0,2	100%
Condimentos	0,31	0,58	0,57	0,3	0,3	-3,23%
Refeições prontas e misturas industrializadas	1,26	1,59	1,5	3,3	4,6	265,08%

Reforçando as tendências já encontradas em estudos anteriores, tais resultados apontam para um padrão alimentar favorável sobretudo à obesidade, diabetes, doenças cardiovasculares, certos tipos de câncer e outras enfermidades crônicas associadas a dietas com alta densidade energética, escassez de fibras e micronutrientes e excesso de gorduras em geral e de gorduras saturadas. Estudos anteriores sobre disponibilidade domiciliar de alimentos nas áreas metropolitanas indicam que parte dessas tendências têm início entre as décadas de 60 e 70 e se intensificam nas décadas de 80 e 90 (LEVY-COSTA *et al*, 2005).

As diferenças entre a população rural e a urbana reforçam alguns cenários esperados e traz outros novos. A participação relativa de



cereais e derivados se mostrou semelhante nas áreas urbana e rural do País, havendo, entretanto, diferenças urbano-rurais substanciais com relação a componentes desse grupo de alimentos.

Foram mais importantes no meio urbano pão (contribuição calórica 3 vezes maior do que no meio rural), biscoito e macarrão, enquanto foram mais importantes no meio rural arroz, farinha de trigo e outros cereais e derivados. A participação de feijões e demais leguminosas e de raízes e tubérculos foi maior no meio rural do que no meio urbano (6,8% das calorias totais contra 5,1% e 8,9% contra 3,7%, respectivamente), o que demonstra que as famílias das áreas rurais possuem uma alimentação que parece manter o padrão alimentar tradicional do brasileiro. A participação de carnes e leite e derivados foi maior no meio urbano do que no meio rural (12,6% contra 11,4% e 6,1% contra 4,5%, respectivamente).

Situação semelhante foi observada para os três componentes mais importantes do grupo das carnes - carne bovina (4,6% contra 3,8%), carne de frango (4,2% contra 3,5%) e embutidos (2,4% contra 1,5%) - e para todos os componentes do grupo leite e derivados. Situação inversa, ou seja, evidência de maior consumo relativo do alimento no meio rural foi observada para carnes suínas, de peixes e outras carnes.

A participação conjunta de frutas e verduras e legumes foi maior no meio urbano do que no meio rural (3,2% das calorias totais contra 1,8%, respectivamente) embora, mesmo no meio urbano, essa participação esteja bastante aquém das recomendações de 9%-12% das calorias totais.

A participação específica de açúcar de mesa foi maior no meio rural do que no meio urbano (14,1% contra 10,5%) enquanto a participação de refrigerantes foi maior no meio urbano do que no meio rural (2,0% contra 0,8%).

Finalmente, tanto a participação de refeições prontas e misturas industrializadas quanto a de condimentos foram maiores no meio urbano do que no meio rural (5,3% e 2,0% das calorias totais contra 0,4% e 0,2%, respectivamente).



Tabela 2 - Participação relativa de grupos de alimentos no total de calorias determinado pela aquisição alimentar domiciliar, por Grandes Regiões e situação do domicílio – POF, Brasil, período 2008-2009.

Alimentos e grupos de alimentos	Participação relativa, por Grandes Regiões e situação do domicílio (%)									
	Norte		Nordeste		Sudeste		Sul		Centro-Oeste	
	Urbana	Rural	Urbana	Rural	Urbana	Rural	Urbana	Rural	Urbana	Rural
Cereais e derivados	32,1	24,7	37,2	37,2	34,6	38,6	34,2	34,3	37,7	37,2
Feijões e outras leguminosas	4,7	6,1	6,8	8,5	4,8	6,5	3,5	3,6	5,0	6,6
Raízes, tubérculos e derivados	11,3	20,7	6,2	11,1	1,9	2,6	2,1	3,5	2,1	3,1
Carnes	16,3	16,0	12,8	10,1	11,8	8,8	13,3	14,8	11,5	9,9
Leites e derivados	3,8	3,5	5,2	3,2	6,8	4,9	7,2	7,7	5,2	5,7
Ovos	0,7	0,5	0,8	0,7	0,7	0,5	0,8	1,1	0,5	0,9
Frutas e sucos naturais	1,4	1,0	2,3	1,2	2,4	1,0	2,4	1,9	2,0	1,0
Verduras e legumes	0,6	0,4	0,7	0,4	1,0	0,6	0,9	0,8	0,9	0,6
Óleos e gorduras vegetais	11,4	10,4	10,1	10,8	14,0	13,6	13,6	10,4	15,2	15,9
Gorduras animais	1,1	0,4	1,2	0,7	1,8	1,9	1,7	2,2	1,4	1,2
Açúcar de mesa e refrigerantes	11,6	12,2	12,6	14,3	12,9	17,8	11,4	14,7	12,8	15,1
Bebidas alcoólicas	0,4	0,2	0,5	0,2	0,9	0,5	1,0	0,7	0,8	0,5
Oleaginosas	0,7	2,4	0,1	0,1	0,1	0,1	0,2	0,2	0,1	0,1
Condimentos	0,2	0,1	0,2	0,1	0,4	0,2	0,5	0,3	0,3	0,2
Refeições prontas e misturas industrializadas	3,6	1,4	3,3	1,3	6,1	2,5	7,3	3,9	4,7	2,0
Total de calorias (kcal/dia per capita)	1692,7	2143,6	1531,2	1784,2	1478,1	2067,9	1673,0	2376,7	1495,9	1771,5



Esses dados contrariam o imaginário urbano de uma fartura de frutas e de leite na dieta rural. Carvalho (2008), relata que é inegável a influência do processo de urbanização e da modernização da agricultura nas mudanças alimentares do brasileiro. Através dos grupos do agronegócio, dos super e hipermercados, a produção e o consumo de alimentos estão cada vez mais desconectados entre si e descontextualizada das especificidades dos ecossistemas locais e culturas regionais (PLOEG, 2008). É cada vez maior e mais forte a presença da indústria alimentícia, mesmo nas áreas rurais, onde o ideário popular pressupõe preservar a agricultura camponesa e o alimento natural.

Perfis diferenciados da disponibilidade domiciliar de alimentos caracterizam as cinco Grandes Regiões do País. Assim, por exemplo, a participação do arroz na disponibilidade alimentar da Região Centro-Oeste e a participação da farinha de trigo na Região Sul excedem em uma e meia a duas vezes e em quatro a seis vezes, respectivamente, a mesma participação observada nas demais regiões do País. Exemplos de disponibilidade bastante aquém da média nacional ocorrem nas Regiões Norte e Nordeste com relação a leite e derivados e a verduras e legumes.

A disponibilidade diária per capita média de alimentos para consumo no domicílio correspondeu a 1611 kcal por pessoa por dia, sendo de 1536 kcal no meio urbano e de 1973 kcal no meio rural. É imprescindível ressaltar que essa diferença provavelmente se deve a uma maior frequência de consumo alimentar fora da residência no meio urbano, visto que os gastos com alimentação fora do domicílio, que correspondiam a 24,1% do total de gastos com alimentação em 2002-2003, se elevaram para 31,1% em 2008-2009 (IBGE, 2010 c).

As mudanças na sociedade levaram ao aumento do consumo de comidas fora de casa (sendo que $\frac{1}{4}$ dele seria de *fast food*), conseqüência do aumento da força de trabalho feminina e o aumento da oferta de alimentos do tipo barra de cereais, iogurtes, massas, sanduíches pré-prontos, cereais matinais, entre outros (NESTLE, 2003).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Padrões diversificados caracterizam o consumo domiciliar de alimentos nas cinco Grandes Regiões do País, nos meios urbano e rural e nos diferentes estratos socioeconômicos da população brasileira.

Características negativas dos padrões de consumo, também evidenciadas em todo o País e em todas as classes de renda, foram o teor excessivo de açúcar (seja do açúcar de mesa, seja do açúcar adicionado pela indústria aos alimentos processados) e a participação insuficiente de frutas e hortaliças.

Nota-se, ainda, que alimentos básico e tradicional na dieta do brasileiro, como arroz, feijão e farinha de mandioca, perdem importância no período enquanto cresce a participação relativa de alimentos processados prontos para consumo, como pães, embutidos, biscoitos, refrigerantes e refeições prontas.

No momento o debate científico aponta para a inviabilidade de se propagar, em nível mundial, os padrões de consumo que hoje prevalecem. Descobrir novas alternativas, pautadas em um desenvolvimento sustentável, é cada vez mais urgente. Hábitos alimentares e padrões de produção agrícola que possam reduzir o consumo excessivo, o desperdício e a destruição começam a ser vistos não mais como uma opção mas como uma necessidade (BLEIL, 1998).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLEIL, Suzana Ignez. O padrão alimentar ocidental: considerações sobre a mudança de hábitos no Brasil. Cadernos de Debate, Campinas. v.. VI, 1998.

CARVALHO, Márcia Siqueira. Lugares e paladares: uma contribuição geográfica à diversidade do consumo alimentar no Brasil. R. RA' E GA, Curitiba, n. 15, p. 95-111, 2008. Editora UFPR.



Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009: Antropometria e estado nutricional de crianças, adolescentes e adultos no Brasil. Rio de Janeiro, 2010. (a)

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009: Aquisição alimentar *per capita*. Rio de Janeiro, 2010. (b)

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009: Avaliação nutricional da disponibilidade domiciliar de alimentos no Brasil. Rio de Janeiro, 2010. (c)

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pesquisa de Orçamentos Familiares 2002-2003. Análise da disponibilidade domiciliar de alimentos e do estado nutricional no Brasil. Rio de Janeiro, 2004.

LEVY-COSTA, Renata Bertazzi *et al.* Disponibilidade domiciliar de alimentos no Brasil: distribuição e evolução (1974-2003). *Ver Saúde Pública*, 2005; 39(4): 530-40.

NESTLE, Marion. *Food Politics: how the food industries influences nutrition and health*. California: University of California Press. 2003.

PLOEG, J. D. van der. *Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.